

Jan Hricsina
Univerzita Karlova v Praze
jan.hricsina@ff.cuni.cz

Substituição do gerúndio pela construção *a* + infinitivo no Português Europeu (estudo diacrónico)¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo averiguar o período em que o gerúndio cedeu o lugar à construção *a* + infinitivo nas posições sintáticas em que a última predomina no Português Europeu contemporâneo (formações perifrásticas *estar a* + infinitivo, *ficar a* + infinitivo, *continuar a* + infinitivo e *andar a* + infinitivo, semipredicado). Para tal, recorreu-se ao corpus eletrónico www.corpusdoportugues.org. A análise do corpus mostrou que o período procurado deve situar-se no século XIX (ou ligeiramente antes), altura em que a construção referida começa a aparecer com uma frequência maior do que nos séculos anteriores.

Palavras-chave: gerúndio, infinitivo, língua portuguesa, linguística diacrónica, análise corporal.

¹ Este artigo faz parte do projeto “Program rozvoje vědních oblastí na Univerzitě Karlově č. P10 Lingvistika”, subprograma “Románské jazyky ve světle jazykových korpusů”. O texto foi revisto por Joaquim José Sousa Coelho Ramos.

Abstract:**Substitution of the gerund for the construction *a* + infinitive in European Portuguese (diachronic study)**

The article aims to specify the period in which the gerund in Portuguese has given way to *a* + infinitive construction in syntactic positions in which the infinitive predominates also in the contemporary European Portuguese (periphrastic formations *estar a* + infinitive, *ficar a* + infinitive, *continuar a* + infinitive and *andar a* + infinitive, in semi-predicative clauses). In this analysis the electronic corpus (www.corpusdoportugues.org) was used. The analysis shows that the period sought must be located in the 19th century (or slightly before), when the infinitive construction starts to appear with greater frequency than in previous centuries.

Keywords: gerund, infinitive, Portuguese linguistics, diachronic linguistics, corpus analysis.

Introdução

Existem muitos traços que distinguem as duas variantes principais da língua portuguesa, quer dizer, o Português Europeu e o Português do Brasil. As diferenças encontram-se no plano fonético ou fonológico, morfossintático e lexical. Enquanto que na pronúncia e no léxico da variante brasileira do Português nos podemos deparar com muitas diferenças², na morfossintaxe não há tantos fenómenos diferenciadores. Relembremos pelo menos alguns dos mais conhecidos. Para o Português do Brasil é típico o emprego do verbo *ter* em vez de *haver* no

² Os traços característicos da fonética do Português do Brasil são por exemplo: a conservação do ditongo /ow/, a pronúncia aberta do /a/ átono, os <e> e <o> iniciais não são reduzidos como no Português Europeu, o <e> final pronuncia-se como /i/, a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ seguidas de iod ou /i/, a vocalização do <l> final, o ensurdecimento ou eventual queda do <r> final, não-palatalização dos <s, z ou x> implosivos ou entoação diferente da europeia. O léxico do Português do Brasil foi influenciado pela língua Tupi e pelas línguas africanas. Acrescente-se também uma quantidade de arcaísmos ou dialetismos portugueses ou várias palavras novas (ônibus, trem, bonde, refrigerador, café da manhã etc.) [ver Cuesta, Luz, 1980: 122-130].

sentido existencial (*Tem muita gente aqui. / Há muita gente aqui.*)³. Há também muitos casos em que a preposição *em* se prefere em detrimento da preposição *a*, enquanto que na variante europeia se usa, nestas situações, a preposição *a* (verbos de movimento – *vou em casa/vou a casa*, algumas locuções – *no sol/ao sol* etc.). Um dos traços exemplificativos é representado pela substituição da segunda pessoa do sg. pela terceira pessoa e pelo emprego dos pronomes da segunda pessoa ligados ao verbo conjugado na terceira pessoa (*Você trouxe teu livro? / Tu trouxeste o teu livro?*). Nalgumas regiões brasileiras, as segundas pessoas (do sg. e pl.) vão desaparecendo. O Português do Brasil é também caracterizado pela ausência de artigo nos pronomes possessivos (*teu livro / o teu livro*). Iguamente frequente é o emprego dos pronomes de sujeito no papel de objeto direto (*Vi ele. / Vi-o.*). Em contraste com o Português Europeu, a posição dos pronomes de objeto é geralmente proclítica no Português do Brasil (*Te preparo a comida. / Preparo-te a comida.*). Um dos traços diferenciadores mais característicos é o emprego do gerúndio nas posições em que o Português Europeu prefere a construção *a + infinitivo* (*Estou escrevendo. / Estou a escrever.*) (sobre as diferenças entre as duas respetivas variantes do Português ver mais em Mateus [2004: 47-49] e Cuesta, Luz [1980: 119-138]). No Português Europeu, o emprego do gerúndio é restrito. Estas restrições são representadas por dois níveis – 1) nível dialetal – em Portugal, há regiões em que o uso do gerúndio é bastante frequente (mesmo nas posições em que o Português padrão⁴ prefere a construção *a + infinitivo*) (Alentejo, Algarve); 2) nível sintático – em várias posições sintáticas o gerúndio é a única ou predominante opção (algumas formações perifrásticas – *ir fazendo, vir fazendo*, orações reduzidas adverbiais). É um facto conhecido que no Português Antigo⁵, o gerúndio usava-se com grande frequência e aquele estado da língua passou para o Brasil (o Brasil foi descoberto no ano de 1500

³ Os exemplos nos quais não está referida a fonte, são do autor.

⁴ Por Português padrão entendemos a língua das classes cultas provenientes da zona Lisboa-Coimbra [cf. Cunha, Cintra, 1999: 10].

⁵ Por Português Antigo entendemos a língua usada no período que começa em finais do século XII (aparecimento dos primeiros textos escritos em Portu-

e habitado algumas dezenas de anos depois). Este país herdou, assim, a língua com o uso frequente da forma do gerúndio, enquanto que em Portugal, a situação deve ter mudado num período posterior ao século XVI e o gerúndio deixou de ser uma forma predileta dos falantes da língua. Não sabemos, porém, exatamente em que período ou século esta mudança terá ocorrido.

O objetivo do presente artigo é analisar o emprego do gerúndio na história do Português Europeu (nas suas várias etapas) e tentar descobrir o período em que o gerúndio foi sendo substituído pela formação *a* + infinitivo. Vamo-nos apoiar no corpus diacrónico da língua portuguesa www.corpusdoportugues.org⁶.

Na segunda parte do estudo, descreveremos a etimologia da forma do gerúndio e o seu emprego no Português contemporâneo, resumindo todas as posições sintáticas em que possa aparecer. Analisaremos também esta forma do ponto de vista temporal e semântico. Na terceira parte, veremos mais em detalhe a substituição do gerúndio pela formação *a* + infinitivo no Português Europeu, averiguando as posições em que tal acontece. Na quarta parte, analisaremos a evolução desta substituição através da história da língua portuguesa, tentando descobrir o período da mudança respetiva. Por último, na quinta parte do estudo, resumiremos os resultados da nossa análise.

Gerúndio no Português contemporâneo

As formas do gerúndio provêm do ablativo do gerúndio latino – *laudando* > *louvando*, *legendo* > *lendo*, *scribendo* > *escrevendo* etc.

guês) e acaba em meados do século XVI (publicação das primeiras gramáticas da língua portuguesa) [cf. Castro, 2006: 73-78].

⁶ O corpus elaborado por Mark Davies (BYU) e Michael J. Ferreira (Georgetown University) contém mais de 45 milhões de palavras nos textos provenientes dos séculos XIV-XX escritos em ambas as variantes principais do Português, respetivamente no Português Europeu e no do Brasil.

[Said Ali, 2001: 113]. No Português contemporâneo, o gerúndio forma-se por meio do radical do verbo, da vogal temática e do sufixo *-ndo* (*fal-a-ndo*, *vend-e-ndo*, *abr-i-ndo*).

O gerúndio pertence às formas não-finitas do verbo (juntamente com os infinitivos não-flexionado e flexionado e o particípio passado). Por um lado, estas formas verbais caracterizam-se pela capacidade muito restrita de expressar as categorias gramaticais do verbo (ver mais adiante)⁷. Devido a esta característica, aproximam-se de nomes (daí a sua denominação tradicional *formas nominais*). Por outro lado, todas estas formas servem para denominar processos (ações). Considerando este facto, ficam mais próximas de verbos. O gerúndio tem um carácter dinâmico, enquanto que as outras formas nominais – infinitivo e particípio – têm um carácter estático [ver Zavadil, Čermák, 2010: 339]. Em oposição ao infinitivo, a relação semântica entre a oração principal e a reduzida do gerúndio não está na maioria dos casos explícita. É dedutível só pelo contexto. Observem-se os exemplos seguintes – *Fazendo tu isso, vamos sair contigo.* = *Ao fazeres isso, vamos sair esta noite, No caso de fazeres isso, vamos sair esta noite, Depois de fazeres isso, vamos sair esta noite, Por fazeres isso, vamos sair esta noite.*

Vejam agora quais as categorias gramaticais verbais que o gerúndio pode exprimir. A primeira categoria a ser expressa por esta forma não-finita é o tempo verbal. O gerúndio, porém, não é capaz de exprimir esta categoria por si só (quando descontextualizado). Neste caso, trata-se antes do tempo relativo. Enquanto que as formas verbais finitas exprimem a categoria do tempo em relação ao ponto da fala e ao ponto de referência⁸ e situam assim uma ação no eixo temporal, distinguindo três tempos principais, respetivamente, passado, presente e futuro, o gerúndio expressa esta categoria sempre em relação ao verbo da oração principal (verbo finito, regente). Denotam-se assim

⁷ As categorias gramaticais expressas pelo verbo português são: pessoa, número, tempo, modo, voz e aspeto.

⁸ O ponto da fala é o momento em que o interlocutor está a falar (o momento da fala) e o ponto de referência é um ponto intermédio a partir do qual pode ser vista uma ação descrita [ver Mateus, 2004: 131].

três relações temporais básicas: a) simultaneidade, b) anterioridade, c) posterioridade.

No Português contemporâneo, distinguem-se duas formas do gerúndio: a forma simples (*fazendo*) e a composta – formada pelo gerúndio do verbo auxiliar *ter* e particípio passado (*tendo feito*). O gerúndio composto exprime sempre ações que são anteriores às expressas pelo verbo da oração principal (*Tendo acabado o trabalho, partimos para o Porto.*). O valor temporal da forma simples do gerúndio depende sobretudo da sua colocação na frase [Cunha, Cintra, 1999: 487-490].

O gerúndio que está colocado no início de uma frase, pode exprimir: a) uma ação ligeiramente anterior à expressa pelo verbo principal (*Fazendo isso, o Pedro foi-se embora.*), b) uma ação durativa que começou antes ou simultaneamente com a denotada pelo verbo principal (*Estremecendo, observo aquela mulher do bairro vizinho.*).

O gerúndio que se segue imediatamente ao verbo principal e está ligado assindeticamente, exprime uma ação simultânea (*Estou a ver a televisão sorrindo.*).

O gerúndio que fica posposto à oração principal e está dividido dela por uma pausa e vírgula, denota uma ação posterior à do verbo principal. Esta oração reduzida do gerúndio corresponde geralmente à oração coordenada ligada pela conjunção *e* (*Esperámos a partida do comboio, conversando alegremente com o diretor da nossa empresa.* = *Esperámos a partida do comboio e conversámos alegremente com o diretor da nossa empresa.*).

O gerúndio português pode ser precedido por uma única preposição: *em*. Neste caso, tem o significado temporal de anterioridade imediata⁹ (*Em chegando a casa, falo com ele.*). Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz referem que o gerúndio antecedido da preposição *em* pode ter também o sentido durativo [Cuesta, Luz, 1980: 535] (*Em sendo novos, tudo se faz facilmente.*).

⁹ Evanildo Bechara acrescenta que o gerúndio pode ser precedido da preposição *em* no caso de ter o significado temporal, condicional ou hipotético [Bechara, 1999: 524].

As categorias da pessoa e do número geralmente não são expressas pelo gerúndio por si só, mas quase sempre em relação ao verbo principal¹⁰. Distinguimos dois tipos de construções de gerúndio: a) gerúndio dependente – este tipo de gerúndio tem o mesmo sujeito (está na mesma pessoa e no mesmo número) que o verbo na oração principal. É dependente assim do sujeito do verbo principal (*Conduzo cantando fado.*). O sujeito deste gerúndio pode ser também idêntico ao objeto direto do verbo principal (pode depender dele)¹¹ (*Ouvi-o cantando fado.*); b) gerúndio absoluto – neste caso, o sujeito do gerúndio é diferente, tanto do sujeito do verbo principal, como do seu objeto direto (o seu sujeito deve ser expresso por um pronome de sujeito ou por um nome) (*Não podendo ajudá-los eu, veio o meu irmão.*).

O gerúndio distingue as formas da voz ativa (*fazendo, tendo feito*) das da voz passiva (*sendo feito, tendo sido feito*).

Do ponto de vista sintático, o gerúndio português pode aparecer em duas posições básicas: a) em orações reduzidas, b) em formações perifrásticas¹².

Nas orações reduzidas funciona o gerúndio como semipredicado, ou seja, membro da oração que denota uma ação (igualmente como predicado), mas não expressa explicitamente as categorias gramaticais de verbo (à diferença de predicado). Traz assim uma segunda mensagem no mesmo enunciado [ver Zavadil, Čermák, 2008: 107]¹³.

¹⁰ Nalgumas situações dos dialetos algarvios e alentejanos, o gerúndio pode exprimir as categorias da pessoa e do número dado a existência da forma flexionada de gerúndio (*fazendo, fazendos, fazendo, fazendomos, fazendeis, fazendem*) [Lobo].

¹¹ Este emprego foi criticado por muitos linguistas portugueses e brasileiros, considerando-o um galicismo. Estes linguistas aconselharam substituir o gerúndio pela oração adjetival [Bechara, 1999: 517-518].

¹² Na nomenclatura portuguesa e brasileira, para este tipo de construções existem vários termos – locução verbal [Cunha, Cintra, 1999: 490], forma perifrástica [Mateus, 2004: 145; Cuesta, Luz, 1980: 530], perífrase verbal aspetual [Barroso, 1994]. Acrescente-se que o termo locução verbal é usado indistintamente para os tempos compostos (*tenho feito*) e as formações perifrásticas (*ando fazendo*) [Bechara, 1999: 230].

¹³ No nosso artigo, não vamos distinguir entre o predicado secundário e a oração reduzida. Na linguística portuguesa, “a predicação secundária

Por exemplo, uma oração subordinada causal pode ser reduzida de uma construção gerundiva que adquire assim o caráter semioracional (*Como está bom tempo, vamos à praia.* > *Estando bom tempo, vamos à praia.*).

O gerúndio pode reduzir as orações subordinadas e coordenadas. No que diz respeito às primeiras, aparece nomeadamente em vários tipos de orações adverbiais.

1. oração adverbial causal – *Tendo estado mau tempo, fomos ao cinema.*
2. oração adverbial de modo – *A Maria passou as férias tomando banhos de mar.*
3. oração adverbial temporal – *Passando por Paris, encontrei um amigo meu de escola.*
4. oração adverbial condicional – *Não chovendo, vamos jogar à bola.*
5. oração adverbial concessiva – *Sabendo o que fazer nessas situações, não ajudou o garoto que foi atropelado pelo carro.*
6. oração adverbial consecutiva – *O Pedro ficou em casa por oito dias, melhorando bastante.*

O gerúndio pode reduzir também uma oração subordinada adjetival (*São os comboios parando em Ovar.*) (ver nota 9). Quando o gerúndio está posposto à oração principal e está dividido pela pausa e vírgula,

é dada como uma associação de um estado (predicado secundário) a um evento (predicado primário); ou ainda, o predicado secundário e seu sujeito estão numa relação mediada pelo predicado primário” [Neto, Foltran, 2001: 727]. Estes autores consideram assim o gerúndio, na frase que se segue, como predicado secundário “Se você vê duas crianças brincando de médico, a maioria das pessoas fica chocada” [Neto, Foltran, 2001: 728], distinguindo-a doutro tipo de frase denominado oração reduzida de gerúndio – “Seguindo o crescimento da criança, colocamos uma das nossas alcofas...” [Neto, Foltran, 2001: 731]. Apesar de várias diferenças referidas pelos autores citados (impossibilidade de antepor o gerúndio, impossibilidade de desenvolver a construção gerundiva numa oração finita), consideraremos o gerúndio nas duas construções como semipredicado. Então, seguiremos a tradição linguística checa [Zavdil, Čermák, 2008: 107-111].

reduz uma oração coordenada, ligada pela conjunção *e* (*Disse tudo ao meu pai, deixando-o assim muito surpreendido.* > *Disse tudo ao meu pai e deixei-o assim muito surpreendido.*)

Excepcionalmente o gerúndio pode desempenhar o papel de imperativo com uma forte conotação depreciativa. Neste emprego, sente-se uma relação de superioridade para com o interlocutor (*Andando!*) [Cuesta, Luz, 1980: 536].

O gerúndio serve também para formar as ditas formações perifrásticas (premorfológicas). Trata-se de construções em que o verbo conjugado (*verbo semiauxiliar*) mantém o seu valor temporal (*estou a fazer* – presente). Ao contrário, nas formações morfológicas, tradicionalmente chamadas *tempos compostos*, o verbo conjugado (chamado *verbo auxiliar*) perde o seu sentido temporal original (*tenho feito* – não se trata do tempo presente). Estas construções ficam na passagem entre uma união sintática livre de duas palavras (*foi fazer*) e uma união analítica morfológica composta por duas palavras que se comporta, porém, como uma palavra morfológica (*tinha feito*) [ver Zavadil, Čermák, 2010: 240].

Agora vamos ver quais as formações perifrásticas compostas da forma do gerúndio existentes na língua portuguesa contemporânea¹⁴.

1. *estar* + gerúndio

Esta construção exprime uma ação que tem caráter durativo e que se realiza num momento dado (*Estamos conversando sobre a vida.*).

2. *andar* + gerúndio

Esta formação denota ações de caráter durativo e reiterativo que são muitas vezes prolongadas [Barroso, 1994: 93] (*Este ano ando tirando o curso de fotografia.*).

¹⁴ Apresentaremos uma lista de formações perifrásticas com gerúndio, e os seus valores temporais, sem as diferenciar entre o Português Europeu e a variante brasileira. A variação destas construções nas duas variantes do Português será tema da parte seguinte do artigo.

3. *ir* + gerúndio

Trata-se da perífrase que serve para expressar ações durativas de caráter de progressão ou realizadas por etapas sucessivas (*Os preços vão aumentando.*).

4. *vir* + gerúndio

A construção designa ações durativas que se realizam gradualmente em direção ao momento ou ao lugar em que se encontra o locutor [Cunha, Cintra, 1999: 491] (*A tempestade vem-se aproximando cada vez mais.*).

5. *continuar* + gerúndio

Esta formação perifrástica exprime ações de caráter durativo e continuativo (duração continuativa). O emprego desta construção implica que a ação expressa por ela começou antes do intervalo A-B. Pelo contrário, a perífrase durativa *estar* + gerúndio localiza o processo dentro do respetivo intervalo, não tendo nenhuma relação com a situação anterior [Zavadil, Čermák, 2010: 322; Barroso, 1994: 102] (*A menina continua a chorar e parece que não vai parar.*).

6. *ficar* + gerúndio

Esta construção denota ações durativas que continuam sem interrupção entre dois limites fixos [ver Barroso, 1994: 105] (*Fiquei cozinhando toda a tarde.*).

7. *começar* + gerúndio

A perífrase considera uma ação como a primeira no conjunto das outras que se seguiram (anterior a outros processos) (*Começou lavando a loiça.*).

8. *acabar* + gerúndio

Esta formação perifrástica denota ações que se consideram como concluídas [Zavadil, Čermák, 2010: 325] (*O Pedro acabou pagando a dívida.*).

Substituição do gerúndio no Português contemporâneo

A redução de orações subordinadas pode ser feita de várias maneiras, ou seja, no eixo paradigmático existem várias expressões que estão à disposição do locutor¹⁵. As orações subordinadas podem ser reduzidas do infinitivo, gerúndio ou particípio [cf. Bechara, 1999: 513]. De acordo com Noam Chomsky, fundador da linguística generativa, a mesma frase da estrutura profunda pode ter assim mais realizações na estrutura de superfície. Vejamos as realizações possíveis da frase seguinte: *Quando o último comboio saiu, a estação ficou vazia*.

- redução de infinitivo – *Ao sair o último comboio, a estação ficou vazia*.
- redução de gerúndio – *Saindo o último comboio, a estação ficou vazia*.
- redução de particípio – *Saído o último comboio, a estação ficou vazia*.

Existe mesmo uma possibilidade de expressar esta frase por meio do sintagma nominal (neste caso, não se trata, porém, de oração reduzida) (*Com a saída do último comboio a estação ficou vazia*).

A escolha de uma ou outra destas possibilidades tem um caráter socioletal, ou seja, depende das preferências de cada locutor. Quer dizer isto que alguns falantes gostam mais de usar infinitivos, outros optam por gerúndio, etc. Esta questão tem a ver também com a variação regional da língua portuguesa (nível horizontal). Como foi dito no início deste artigo, o Português Europeu contemporâneo prefere as construções com infinitivo (preposição *a* + infinitivo), enquanto que na variante brasileira de Português predomina o gerúndio. Porém, esta diferenciação não é totalmente simétrica, ou seja, não se realiza em todos os contextos sintáticos. No quadro seguinte, vamos mostrar

¹⁵ Os romanistas checos Bohumil Zavadil e Petr Čermák distinguem seis graus de condensação (redução) da segunda mensagem dentro duma frase segundo o tipo de expressão usada (dois enunciados, oração coordenada, oração subordinada, predicativo nominal com predicado implícito, oração reduzida, sintagma nominal) [Zavadil, Čermák, 2010: 466-467].

quais as posições sintáticas nas duas variantes do Português em que predominam o gerúndio ou construções com infinitivo¹⁶.

Quadro 1

Papel sintático	Português Europeu	Português do Brasil
semipredicado – oração adjetival reduzida	peessoa a fazer palhaçadas	peessoa fazendo palhaçadas
semipredicado – oração adverbial reduzida	Chovendo, não vamos à praia.	Chovendo, não vamos à praia.
semipredicado – oração coordenada reduzida	O Pedro ficou sentado a falar com o seu pai.	O Pedro ficou sentado, falando com seu pai.
formações perifrásticas	estar a falar	estar falando
	andar a fazer	andar fazendo
	ir fazendo	ir fazendo
	vir fazendo	vir fazendo
	continuar a fazer	continuar fazendo
	ficar a fazer	ficar fazendo
	começar a fazer	começar a fazer
	começar por fazer	começar fazendo
	acabar de fazer	acabar de fazer
	acabar por fazer	acabar fazendo

Analisando o quadro, repare-se que nem sempre o gerúndio que aparece na construção brasileira, é substituído pelo sintagma *a + infinitivo* no Português Europeu. Trata-se das perífrases *ir fazendo* e *vir*

¹⁶ Para a elaboração do quadro consultámos duas obras essenciais: Neto, Foltran [2001] e Barroso [1994].

fazendo. Esta assimetria explica-se pelo facto de as construções análogas possíveis (*ir a fazer*, *vir a fazer*) terem outro significado tanto no Português Europeu como no do Brasil (estão ocupadas)¹⁷. Ao contrário, as perífrases *começar a fazer* e *acabar de fazer* formam-se pelo infinitivo também no Português do Brasil. Esta exceção é dada pelo facto de as possíveis construções com gerúndio (*começar fazendo*, *acabar fazendo*) terem outro valor semântico (ver página 6 deste artigo).

Evolução da substituição do gerúndio pela construção *a + infinitivo* no Português Europeu

Ao folhearmos as gramáticas históricas da língua portuguesa existentes, ficamos a saber que o problema das perífrases formadas pelo gerúndio ou pelo infinitivo ou da substituição do gerúndio pela construção *a + infinitivo* não está tratado quase em nenhuma destas obras. Só a linguista brasileira Rosa Virgínia Mattos e Silva dedica um pequeno capítulo (quatro páginas) à análise diacrónica das perífrases formadas pelos verbos *ser*, *andar*, *jazer*, *estar* e *ir* + gerúndio [Mattos e Silva, 2008: 441-444]. A propósito desta questão, a autora informa-nos que no Português Antigo, nas construções formadas pelos verbos *ser* e *jazer* + gerúndio, os dois verbos mantiveram os seus significados etimológicos e por conseguinte, não se tratava de perífrases verbais, mas de construções sintáticas livres de dois verbos. Ao contrário, os verbos *ir*, *estar* e *andar* seguidos de gerúndio já podem ter formado perífrases verbais. Às vezes funcionavam também como uniões sintáticas livres de dois verbos com os seus significados etimológicos.

¹⁷ A perífrase *ir a + infinitivo* exprime ações que ainda não começaram (imediatamente antes do seu início) [Barroso, 1994: 110-111]. A formação *vir a + infinitivo* é a forma essencial da categoria disposição resultante que caracteriza uma ação como resultado relativamente às ações anteriores implícitas [*ibidem*: 145].

A mais importante referência que é feita neste capítulo, é o facto de que já na primeira metade do século XV, nomeadamente no livro de *Fabulário Português*¹⁸, raramente aparecem as perífrases formadas pelos verbos *estar* e *andar* seguidos da preposição *a* + infinitivo [*ibidem*, 2008: 444].

Estes são os factos conhecidos e agora vejamos quais os resultados da nossa análise no corpus eletrónico¹⁹.

Foi averiguado que no Português Antigo, já existiam e eram frequentes as construções perifrásticas formadas pelo verbo semiauxiliar e preposição *a* + infinitivo. Trata-se das perífrases *começar a* + infinitivo e *tornar a* + infinitivo²⁰.

Exemplificação²¹:

E assim os mostraram eles nos extremos que fixaram para que se tornasse a abrir o templo... (Lucena, História da Vida do Padre S. Francisco Xavier)

Metelhe a carne na boca, que muitos tornarã a comer e guarecerã. (Livro de Falcoaria do Emperador Enrique da Alemanha)

Ca lhes aconteceu aquele do verdadeiro proverbio que diz: “O cam que torna a comer o seu vomito que volveu pela boca” (Auto dos Apostolos)

¹⁸ O *Fabulário Português*, conhecido também pelo nome Livro de Esopo, foi encontrado pelo linguista português José Leite de Vasconcelos na biblioteca Hofbibliothek em Viena no ano de 1900. Segundo a letra usada no texto o manuscrito provém provavelmente do século XV. O livro consta de 63 fábulas.

¹⁹ A análise do corpus foi feita da seguinte forma. Colocámos duas perguntas: *a* [vr*] para obter todas as construções *a* + infinitivo e [vg*] para obter todos os gerúndios figurando no corpus. Em seguida, foram selecionados sete dos verbos mais frequentes, respetivamente falar, chegar, ser, fazer, comer, abrir e ver, e analisadas as suas ocorrências no corpus no período abrangente desde o século XIV até ao século XX.

²⁰ A formação perifrástica voltar *a* + infinitivo que tem o mesmo significado e é mais frequente no Português contemporâneo, aparece só no século XIX – José Simões deixa de ser grã-cruz, e volta a ser como dantes, grã p. que o pariu – ou como estoura. (Fialho de Almeida, Gatos 5).

²¹ Daqui todos os exemplos aparecendo no texto proveem do corpus eletrónico www.corpusdoportugues.org.

*Aquí sse começarõ **a chegar** as azes de ánbaslas partes et demãdáuã-s per hũa tâ grã saña que marauilla era. (Crónica Troyana)*

*Tomou alli os Exercicios com muito gosto e devoção, e assim dizia que então começava **a ser** christão e a entender os mysterios de nossa santa fé. (Historia do Japam 3, Frois)*

No Português Antigo, o sintagma preposição *a* + infinitivo aparece muito frequentemente na formação dever *a* + infinitivo (sentido de obrigação) e também nas construções finais (no Português contemporâneo, usa-se a construção *para* + infinitivo).

Exemplificação:

*E sobre esto diz Lucano, que fez esta estoria, que eram muy duras e muy grandes as posturas dos Romããos e as suas amyzades que poy-nham, como quer que a postura donde nace vergonça e deshonorra nõ se **deve a** tẽer [Crónica Geral de Espanha de 1344].*

*E, hyndo pello caminho, achou hũa igreja e entrou em ella **a fazer** sua oraçom, assy como viia lazer aos outros cristããos [Crónica Geral de Espanha de 1344].*

*Ante do começo deste euangelho escreue sam Lucas no meesmo capitollo que em aquelles dias que xpisto preegava & fez millagres & sayo **a fazer** oraçom em ho môte & esteue toda a noyte em oraçã [Euangelhos e epistolas con suas exposições e romãce].*

Só ocasionalmente ocorre no corpus (no Português Antigo) a formação perifrástica estar *a* + infinitivo que conhecemos do Português Europeu contemporâneo²².

Exemplificação:

*E sayuho a receber toda a hoste. E o rey mouro tomou em ello grande prazer. E, desque foi tempo, asseentaronssse **a comer** ãna tenda del rei. E, em estando **a comer**, mandou el rei dõ Affomso muito ã puridade armar*

²² Além das construções mencionadas, aparece o sintagma em questão também como complemento preposicionado dalguns verbos – Quem hes tu que te atreves a chegar tam neceamente a fallar aa minha face e fallas palavras tam soberbas e atrevidas? (Flos sanctorum), (...) e o ser amigo de muitos o obrigara a fazer muitos males por esses seus muitos amigos. (Francisco Manuel de Melo, Apolo).

quinhentos cavalleiros e que cercassem a tenda d'arredor (Crónica Geral de Espanha de 1344).

E, assyfazendo esto, algúas vezes acontecia que adormecia o Cide em cima de hũũ scano ã que estava a comer [Crónica Geral de Espanha de 1344].

Entretanto, embarcados já os soldados, as fustas de verga de alto, re-mos em punho, bandeiras despregadas, o mar cheio de batéis de amigos, as praias do povo que está a ver, não se ouvindo ninguém com as salvas e festa da pólvora, dos pífaros, dos tambores, desfere a capitaina de Dom Francisco à vela, dizendo toda a gente voz em grita: 'Boa viagem (Lucena, História da Vida do Padre S. Francisco Xavier).

No que diz respeito ao gerúndio, e no Português Antigo, aquele ocorre frequentemente na função de semipredicado e nas formações perifrásticas *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio.

Exemplificação:

(...) meu costume he de tomar per força as cousas que nom som minhas & esta fazendo dapno publica mēte (Clemente Sanches de Vercial, Sacramental).

E enquanto dom diogo de meneses anda fazendo estas cousas e outras que adiante contarey será bem darmos rezão dalgúas que no mesmo tempo secederão (Diogo de Couto, Década Oitava).

E en chegando a elles, fêriron en hũa cilada en que estavam quinhētos cavaleiros (Crónica Geral de Espanha).

No século XVI, aparecem em Portugal as formações perifrásticas de disposição resultativa *vir*, *chegar a* + infinitivo. Neste século no corpus respetivo, registámos pela primeira vez também o aparecimento das construções progressivas *ir* + gerúndio e *vir* + gerúndio.

Exemplificação:

São homēs que nunca jogão, porque lhes parece que he grande deshonra, pois os que jogão desejão o que não he seu, e dahy podem vir a ser ladrões (Francisco Xavier, Carta).

O dia seguinte, fazendo a mesma derrota, chegou a ver a ultima ponta, que para o Sul havia divisado (Francisco Manuel de Melo, Epanaphora Politica Primeira).

*Vendo os moradores desta Cidade, que se hia **chegando** a armada coroada de flammulas, galhardetes, & outros festivos ornatos, imaginou, que era a sua gente, que voltava victoriosa, & triumphante (Vocabulario portuguez e latino, Rafael Bluteau).*

*Um dia, quando já a declinação do sol consentia que o ar, entre os ramos, lascivo se enlaçasse, ouviram os Pastores (que entao no ervoso prado, recostados se ocupavam em contos amorosos) as concertadas vozes de três formosas Pastoras a que o vale com suaves acentos respondia, que cantando entre outras, todas (trazendo em suas maos pedrados vasos) vinham **chegando** à fonte, detendo-se em despojar o campo das boninas de que esmaltá-los queriam (Paciencia Constante).*

É só no século XIX que em Portugal, começam a aparecer com uma frequência maior as formações perifrásticas *estar, andar, ficar e continuar a + infinitivo* que até aí só ocorriam com o gerúndio. Note-se que estas perífrases coexistem com as formadas com o gerúndio e é muito difícil averiguar qual destas duas formas predomina. É também neste período que o sintagma *a + infinitivo* começa a aparecer na função de semipredicado.

Exemplificação:

*(...) e eu, que estou aqui a falar, pago todos os anos um quartinho para que elas continuem **a ser** assim (Eça de Queiroz, O Crime do Padre Amaro).*

*A esta hora está a menina **a ser** cortada por aquelas línguas, que não perdoam a ninguém (Camilo Castelo Branco, Amor de Perdição).*

*O velho estava à varanda, **a fazer** muito sossegado uma rede (Abel Botelho, A Frecha da Misarela).*

*Que diabo estás tu aí **a fazer**, rapaz? exclamou Alencar, agitando alegremente o seu panamá (Eça de Queiroz, Os Maias).*

*Que andas tu **a fazer**? Andas a varrer? Ela corou muito, atirou logo a vassoura, veio abraçá-lo (Eça de Queiroz, O Primo Basílio) (19.s).*

*O esforço de alma que estás **fazendo** pode-te ser prejudicial. Sossega (Almeida Garrett, Viagens na minha terra).*

*Amaro desdobrara-a, **fazendo** cintilar junto da janela os bordados espessos (Eça de Queiroz, O Crime do Padre Amaro).*

*Mais adiante, esperava-o um lavrador robusto, sentado na soleira da porta, a comer uma fêvera de bacalhau (Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*).*

*(...) que eu, num abrir e fechar de olhos, atiro com ela para cima dum a égua de chupeta. que ali tenho, e o pai e mais o primo ficam a ver navios (Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*).*

No corpus, registámos também os casos interessantes (raríssimos) das ocorrências das perífrases formadas pela preposição *a* + infinitivo nalguns autores brasileiros.

Exemplificação:

*Mas! berrou o espingardeira, sem fazer caso das advertências do colega, o que eu não posso admitir; é a porção de picardias e desaforos, que ele me está a fazer constantemente (Aluísio Azevedo, *O Mulato*).*

Conclusões

Os resultados da análise do corpus mostraram que o período de transição, em que uma forma (gerúndio) começou a ser substituída pela outra (*a* + infinitivo) nas respetivas construções, deve estar situado no século XIX ou ligeiramente antes (século anterior) devido ao facto de as formas com infinitivo terem aparecido raramente já no Português Antigo. Acrescente-se também que analisámos só os textos escritos e é um facto conhecido que a escrita anda sempre em atraso relativamente à oralidade, ou seja, as construções formadas com o infinitivo podem ter sido recorrentes na fala quotidiana no século XVIII.

Na nossa opinião, estas construções formaram-se segundo o modelo das perífrases *começar a* + infinitivo e *tornar a* + infinitivo, ou seja, formas atestadas e muito frequentes já nas fases mais remotas do Português.

Referências bibliográficas

- BARROSO, H. (1994), *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo (visão funcional/sincrónica)*, Porto Editora, Porto.
- BECHARA, E. (1999), *Moderna gramática portuguesa*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- CASTRO, I. (2006), *Introdução à História do Português*, Edições Colibri, Lisboa.
- CUESTA, P. V., LUZ, M. A. M., da (1980), *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70, Lisboa.
- CUNHA, C., CINTRA, L. (1999), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, João Sá da Costa, Lisboa.
- HAMPL, Z. (1972), *Stručná mluvnice portugalštiny*, Academia, Praha.
- LOBO, M., “Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal”, [on line] <http://www.yumpu.com/pt/document/view/12926178/aspectos-da-sintaxe-das-oracoes-gerundivas-do-portugues-dialectal-7.9.2013>.
- MATEUS, M. H. M. (ed.) (2004), *Gramática da língua portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2008), *O português Arcaico*, vol. I: *Léxico e morfologia*, Imprensa nacional-casa da moeda, Lisboa.
- NETO, J. B., FOLTRAN, M. J. (2001), “Construções com gerúndio“, *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 725-735.
- NOVOTNÝ, F. (1955), *Historická mluvnice latinského jazyka II*, Nakladatelství Československé Akademie věd, Praha.
- SAID ALI, M. (2001), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Editora Melhoramentos, São Paulo.
- VAVROUŠOVÁ, P. (2012), *Gerundium ve španělštině a jeho ekvivalenty v češtině* (tese de doutoramento).
- ZAVADIL, B., ČERMÁK, P. (2008), *Sintaxis del Español Actual*, Karolinum, Praha.
- ZAVADIL, B., ČERMÁK, P. (2010), *Mluvnice současné španělštiny*, Karolinum, Praha.